

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Tel. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



As Comemorações da Fundação em Guimarães

Por Henrique Galvão.

A comemoração da Fundação, em Guimarães, é o grande pórtico da série de acontecimentos que constituem o programa das Comemorações Centenárias da Nação.

Foi em Guimarães que Portugal começou. E em Guimarães que, oito séculos mais tarde, se faz centro espiritual e coração do Império, o mesmo Castelo, altivo como o espírito português de independência, as mesmas paíagens agitadas por um sópro divino de eterna beleza, os mesmos horizontes que a nossa ânsia de expansão foi alargando de século em século.

Guimarães é, neste dia, transcendentemente solene, a capital espiritual de um Império de dezane milhões de habitantes, criador de Impérios e condestável da Civilização Cristã.

Esta realidade, a que oito séculos de História emprestam um altíssimo significado, determinou o pensamento e a ideia que presidiram à concepção do programa das Comemorações Centenárias de Guimarães! A velha cidade é, neste dia único da nossa História, um coração de Portugal — coração vivo, vibrante, pulsando de comoção patriótica e fazendo o milagre de juntar em unísono, à mesma hora e pelo mesmo motivo profundo, todos os corações portugueses de todas as partes do mundo onde um português se encontrar.

E assim, procuramos, através de uma série de cerimónias de graças e de elevação espiritual conduzir as almas até ao minuto de suprema comunhão, em que pudessem encontrar-se, acima das suas paixões e das suas ideologias, das suas misérias e das suas desgraças, dos seus egoísmos e dos seus interesses quantas almas portuguesas andam espalhadas pelo mundo.

Com o grande e puríssimo coração de Portugal que nesses dias pulsa gloriosamente em Guimarães — pulsará, Aquem e Além-Mar, milhões de corações comovidos pela ideia sagrada da nossa idade e pelo ideal ilimpido do seu prolongamento nos séculos.

Esta é a Grande Festa de Portugal!

Este é o momento santo das almas portuguesas!

Este é o passo puríssimo da Raça na sua marcha secular!

Em obediência a este pensamento, que foi o do Governo, resolvendo inaugurar em Guimarães as Comemorações Centenárias, que foi o da Comissão Nacional dos Centenários assegurando a organização condições de especial relevo e que foi o do realizador, procurando cumprir a espinhosa missão de que foi encarregado — concebemos um programa cujo desenvolvimento deixamos arquivado nestas páginas como documento e recordação que os homens de uma geração guardam — entre tantos outros que as Comemorações Nacionais não-de produzir — para o espírito e para as almas dos homens de amanhã, os homens que daqui por cem anos, com o mesmo orgulho, a mesma fé, a mesma esperança (e oxalá em melhor quadro mundial) não-de comemorar o novo centenário da Fundação de Portugal.

As festas nacionais de Guimarães decorrem no espaço de tempo de um dia: 4 de Junho de 1940.

Em 3 de Junho a cidade recebe e hospeda no Castelo de Guimarães, onde nasceu Afonso Henriques, o Chefe do Estado, cujas insignias darão foros morais de capital ao velho burgo.

E quando pelas ruas diminuem a azáfama e o sussurro dos últimos preparativos, soa no Castelo que foi Berço de Portugal, o toque de recolher — sinal de Velada de Armas que principia.

Em volta das muralhas venerandas levantam-se doze fogueiras crepitantes, bravias e altivas como as gentes que fizeram Portugal, como as luzes que há oito séculos, em noites iguais, iluminaram as mesmas pedras das mesmas muralhas. Em cada uma das torres uma outra fogueira abre, no veludo negro do céu, chagas vermelhas. Em baixo junto da Torre de Menagem, mais lumes vivos destacarão a grande Torre de conjunto solene de pedras.

Sou o toque de recolher. Junto de cada fogueira perfilam-se uma sentinela e o alimentador, destacados de uma guarda recolhida junto aos fogos, que alumiam a Torre de Menagem.

De hora a hora cada sentinela é rendida pelo alimentador da fogueira e um novo alimentador vem da guarda ocupar o seu lugar.

Em volta tudo é silencioso e negro. De léguas em redor vê-se o clarão de entre o qual se desenha, como visão antiga, o Castelo em que nasceu Afonso Henriques e onde, certamente, o primeiro pensamento de uma

formação nacional ilumina o seu espírito.

As sentinelas bradam o seu grito de alerta e de orgulho.

— Sentinela alerta!

— Alerta está!

— Quem viva!

— Portugal! Portugal! Portugal!

E o nome de Portugal, durante toda a noite, irá de quebrada em quebrada — e, milagre do oitavo século! — ouvi-lo-hão como um eco, com uma sobrevivência de sons medievais, como um sinal da nossa vitória no Tempo, os portugueses de todo o mundo que escutam o seu receptor de T. S. F. sintonizado para a Emissora Nacional.

Até à alvorada uma voz portuguesa, velando junto das pedras que obrigaram e defenderam o primeiro rei de Portugal, e onde se alojou o Chefe do Estado neste oitavo século irá por esse mundo fora, bradando, respondendo:

— Portugal! Portugal! Portugal!

O sol ergue-se finalmente sobre uma noite de vigília. Ergue-se como há oito séculos. As chamas das fogueiras dormem agora em leito de cinzas.

E no alto da Torre os clarins vibrantes cantam a alvorada.

Os homens de vela desapareceram. Nas velhas muralhas surgem agora os cavaleiros de D. Afonso Henriques com as suas cotas e elmos, com as suas armas e pendões.

Por entre as ameias vêem-se silhuetas de besteiros e arqueiros. O Castelo anima-se, repovoa-se dos seus personagens medievais. O quadro de D. Afonso Henriques retoma a sua cor, as suas figuras e o seu movimento.

No Campo da Feira entretanto forma-se o Cortejo das Flores.

São os povos do concelho que acodem com os seus açaítes carregados de flores do Minho e os seus trajos que tem a cor rica de todas as flores, são as flores de todo o Império que foram enviadas a Guimarães e que carregam os carros rústicos do Norte. São as flores de todas as Câmaras Municipais do País. São os forasteiros que acodem todos com a sua flor e o seu orgulho. E o elemento oficial com os seus ramos. Nunca em Guimarães se juntaram tantas flores!

O Cortejo forma-se com o Governador Civil e Câmara Municipal, à frente. E depois seguem as delegações oficiais, as escolas, as bandas de música, os carros conduzindo as flores que Portugal inteiro mandou a Guimarães, os povos do concelho, os atletas da Corrida Nacional das Flores do Império, os forasteiros — uma grande, enorme, trepadeira florída em que se juntam as flores do Minho e as de Angola, as do Algarve e de Moçambique, as que foram enviadas pelos portugueses do Brasil e as que foram oferecidas pelos portugueses da América do Norte. Ramos ressequidos pelo tempo e pela distância, outros frescos e profundos vão a caminho do Castelo, em solene e garrido Cortejo, pela rua de Santa Maria, toda engalanada, através das ruas preciosas do grande Museu que é Guimarães. Das janelas caem flores sobre as flores. É a grande festa das almas, dos corações portugueses, cresce, engrossa e deixa no ar, por onde passa, o perfume das veigas e dos jardins de Portugal.

O Cortejo entra no Campo do Salvador e dirige-se ao Castelo.

O Chefe do Estado, o Governador, a Comissão Nacional dos Centenários depõem junto das muralhas sagradas, como em altar da Pátria, os primeiros ramos.

E depois outros e outros se lhe juntam atapetando os socos da velha fortaleza, cujas muralhas se levantam de entre os mactios de pétalas Impériaes.

Este é um dos passos do Destino de Portugal, traçado há oito séculos por D. Afonso Henriques e festejado hoje na casa em que o fundador nasceu.

Entretanto chegam à méta gloriosa — a porta Norte do Castelo — os atletas que disputaram a mais linda

prova desportiva que se tem realizado em Portugal: a corrida das estafetas das Flores de Portugal. Corredores portugueses, de todas as províncias de Portugal, disputam entre si a honra do primeiro lugar entre aqueles que vão levar, pelo esforço dos seus músculos e o alento dos seus pulmões, as flores da sua terra ao bérço sagrado da nacionalidade.

E o Grande Cortejo Nacional das Flores do Império perde-se em multidão festiva, no Campo do Salvador, erigido de mastros e bandeiras da Fundação — multidão que é, perante o Chefe do Estado e o Governador, destacados na sua tribuna oficial, a representação garrida, viva e animada de todo o povo português em festa.

Faz-se um silêncio religioso. Os clarins deram um sinal vibrante de comando.

Em acção de graças por esta travessia de oito séculos, realizada em marcha de glória — perante o altar que as hostes de D. João I de Portugal, tomaram em Aljubarrota ao exército do rei de Castela, vai rezar-se a solene missa campal do oitavo Centenário da Nacionalidade.

O povo ajoelha perante Deus e perante a Pátria!

No altar sagrado a imagem de Deus abençoa o sentimento da Pátria!

E os momentos soleníssimos em que Portugal ganhou a sua independência e em que Portugal, definitivamente, a consolidou, juntam-se místicamente, aos pés de Deus, com a transcendente gravidade com que as horas altas da glória são a distância dos séculos.

O que irá passar-se então, no coração dos milhares de portugueses que ajoelham quando a brancura da hostia se recorta no relevo evocativo do altar — se no espírito e na alma de cada um se fizer a consciência da transcendente vitória que está agradecendo aos pés de Deus?

As vozes místicas do órgão soam como vozes das próprias muralhas. E o coro que as suas vozes acompanham eleva as almas ao nível de pureza deste momento sagrado.

Ita missa est.

A multidão ergue-se em movimento de onda oceânica.

E sobre as ameias do Castelo o azul do Céu parecerá mais puro e os fundos de paisagem, outra vez, varandas frescas de novos horizontes!

Por entre as ameias de uma das Torres que ladeiam a porta Norte do Castelo, ergue-se então a figura do Chefe do Governo.

Salazar vai falar para o Império — para dezane mil milhões de portugueses que se aglomeram no Campo do Salvador, que estão no Algarve e em Moçambique, que o escutam no Alentejo e em lares portugueses do Brasil, que o seguem em Angola e nos Açores.

Na casa em que nasceu o Fundador da Nacionalidade e se transmitiu às gerações a honra, a glória e a responsabilidade de a manter — só com uma solenidade mais alta, mais impressionante, a voz do Renovador de Portugal.

E essa voz responde à primeira que em tom de chefia e de comando escutam as pedras portuguesas de Guimarães!

E tocamos o auge.

As palavras do Chefe do Governo elevam-nos até ao momento eucarístico da Pátria neste passo do seu oitavo século.

Na Torre de Menagem, ninho de águas Imperiais de onde já se viu Portugal inteiro, o venerando Chefe do Estado — o 34.º depois de Afonso Henriques — vai juntar num gesto ritual todas as almas portuguesas!

Vivemos um minuto supremo de emoção pensando que a essa mesma hora, em todo o país, em todo o Mundo Português, enquanto os olhos ansiosos de uns, no Campo do Salvador em Guimarães, se fixam no alto da Torre-Mã, os ouvidos atentos de outros, nas cidades, nas aldeias, nos matos do Império escutam o seu receptor de T. S. F., imaginando a inesquecível cerimónia e vivendo in-

tensamente a poesia magnífica do seu significado.

Os clarins mandam «Sentido!».

Faz-se um silêncio solene, quase opressivo — daqueles silêncios místicos de catedral, daqueles silêncios que pulsam!

Dir-se-ia que todos os ruidos tombaram, como chuva, do ar sobre a terra e que a terra os guardou em misteriosas profundidades.

E também as cousas inertes da natureza — os pedregos seculares, os troncos, a corvoa dos montes e as sombras dos vales parecem comungar no «Sentido» patriótico.

Decorrem uns segundos apenas. E logo os clarins, em notas de glória, aceleram o ritmo dos corações. No mastro ativo da Torre sobe, vagorosamente, como um sol que renasce, a bandeira de Afonso Henriques: uma cruz azul sobre um quadrado branco. E a bandeira de Ourique e de Val-de-Vez, o pendão glorioso de Santarém, de Lisboa e de Almada, sob a égide do qual Portugal se prolongou e a Fé principiou a ser dilatada.

Ao cabo de oitocentos anos — esta bandeira é a imagem puríssima do ponto de partida, desse primeiro e luminoso dia em que o Fundador de Portugal se proclamou «Afonso I, rei de Portugal!»

A marcha de continência vibra ainda. E a bandeira sobe sempre, nervosa e deslumbrada.

E quando alcança o topo, desfraldada ao vento pelas mãos de Carmo, Chefe do Estado no termo deste oitavo século — uma salva de artilharia saída o símbolo sagrado.

O sinal corre o Mundo através da Rádio.

E em todo o Mundo todas as almas portuguesas se juntam na mesma comoção — uma comoção que vai explodir, que vai ser festa e entusiasmo, alarido e vitória, momento de lágrimas e cume de Glória.

Ao mesmo tempo repicam todos os sinos da cidade, salva a artilharia e a infantaria, sobem no ar morteiros e foguetes, explode o entusiasmo popular, gritam cornetas e sereias — enquanto no espaço, sobre a muralha, se erguem as asas de dez mil pombos.

As bandas de música tocam o Hino Nacional.

De todas as colinas, montes e outeiros que cercam Guimarães levantam-se girândolas de foguetes e morteiros.

A multidão que se encontra no Campo do Salvador — um mar de gente, de olhos humídes e coração afogado em soluços, ergue no ar bandeiras iguais aquela que tremula na Torre de Menagem — a bandeira da Fundação de Portugal: são milhares, muitos milhares, umas grandes outras minúsculas, umas de pano, outras de papel, umas pobres outras ricas, mas todas alegres, altivas, sadias, solenes — todas agitadas pela mesma comoção. Em coincidência horária e por meio de sinal transmitido pela Rádio para todo o Mundo — à mesma hora em que no Castelo sobe a primeira bandeira de Portugal — repicam os sinos de todas as igrejas portuguesas d'Aquem e Além-Mar.

E em todo o território português, como na visinhança do Castelo, porque todos os portugueses estão junto dele nesse dia, salva a artilharia, troam peças dos navios de guerra no ponto do Mundo em que cada um se encontrar, entoam hinos os céros escolares, gritam businas e sereias, as bandas de música tocam o hino nacional — e em todas as janelas, em todos os braços, em todas as almas, a mesma bandeira que subiu no mastro de honra de Guimarães é desfraldada.

Nos edifícios públicos a bandeira da Fundação sob ao lado da bandeira do oitavo século.

Nas Embaixadas, Legações e Consulados de todo o Mundo, perante as colónias de portugueses no estrangeiro — e sempre à mesma hora — são hasteadas par a par as duas bandeiras: a de Portugal de há oitocentos anos e a de Portugal que faz 800 anos!

Nos Castelos portugueses coevos da Fundação — irmãos de armas e de glórias do Castelo de Guimarães — alto-falantes difundiram a voz do berço, enquanto a mesma bandeira renasce no alto das suas pedras.

Este é, decerto, o momento de mais intensa emoção patriótica vivido por Portugal nos últimos cem anos — e também o mais puro.

Não se sabe quanto tempo decorreu. Um quarto de hora? Uma vida? Oito séculos?

Este momento excedeu a noção do Tempo. Sobrepôs-se-lhe.

Entretanto as portas do Castelo abrem-se de par em par.

O Chefe do Estado e o Governador ocupam uma tribuna armada no terreiro.

Nas ameias, os cavaleiros, com as suas lanças e pendões, fazem a guarda de honra.

E perante o Che da Nação desfila o povo.

Guimarães — nesse dia capital do Império — está em festa.

Nas ruas preciosíssimas do velho burgo, erigido de bandeiras, engalanadas de damascos, o povo folga e ri.

E a cidade-museu mostra-se aos forasteiros.

Uma rua, um recanto quase medieval, foi arranjado e decorado como o quadro de uma época.

Os edifícios, os museus, as praças evocativas, as ruas que falam como páginas de História, pousam para os olhares deslumbrados de multidão.

Esta é a cidade por onde Portugal começou.

A' noite voltamos ao Castelo.

Vai reconstituir-se, no seu verdadeiro cenário, uma cena da Fundação.

Afonso Henriques e sua mãe contracenam na véspera da batalha de S. Mamede.

E os versos do «Auto da Fundação de Portugal» que aqui se representam soam como a sobrevivência de frases que as velhas pedras ouviram — numa expressão de arte e de beleza.

Na cidade o povo folga em arraiais.

A banda da Guarda Nacional Republicana dá um concerto.

dores dedicadíssimos à causa pela qual trabalharam, infatigáveis na sua devoção, inteligentes na sua acção e ordenados no seu trabalho.

Se estas páginas, indirectamente, de alguma forma guardam a recordação do esforço dispendido por quem escreve estas linhas — justo é também que lembrem o patriotismo, o talento e a dedicação de tantos que lhe permitiram cumprir a sua missão.

E porque é justo, destaquemos em primeiro lugar o ilustre presidente da Comissão Executiva dos Centenários, a quem se deve o mais elegante, mais ponderado e mais precioso dos comandos. O sr. Dr. Júlio Dantas não veio encontrar nesta espinhosa missão de conduzir um dos mais solenes e complicados acontecimentos deste século, fama e glória. Veio apenas confirmar o direito que tem no lugar de honra que ocupa na Sociedade Portuguesa.

A sua acção na organização das Comemorações de Guimarães foi decisiva. Sem se alhear de causa alguma, sem se distrair de nenhum pormenor soube — o que é tão raro em Portugal — deixar trabalhar e estimular o trabalho.

Em segundo lugar há que pôr em relevo o papel e acção da Câmara Municipal de Guimarães — e, em especial do seu Presidente o sr. Dr. João Rocha dos Santos.

A Câmara além dos sacrificios financeiros que fez desenvolveu uma acção tão notável e criteriosa que bem pode dizer-se que nunca as festas teriam atingido tão alta expressão sem o seu auxílio. Foi a Câmara que suportou o maior peso em trabalhos, em esforço financeiro — e quem mais produziu em resultados práticos. E até pelo crédito de confiança que desde a primeira hora concedeu ao realizador é de reconhecer e de louvar.

E depois quantos mais!

Poderíamos dizer: toda a cidade — desde esses adoráveis trabalhadores humildes de Guimarães até aos valores mais marcantes da população da linda cidade:

Alfredo Guimarães, director do Museu da Colegiada e autor do magnífico roteiro da cidade; o ilustre dramaturgo Dr. Américo Durão; o Dr. Leopoldo Martins de Freitas; o industrial António J. P. de Lima, a quem se deve a decoração da cidade; o Professor José Luís de Pina; o precioso organizador do Cortejo das Flores Padre Domingos Gonçalves; José Gilberto; Monsenhor João António Ribeiro e Padre António Quesado; o escultor António de Azevedo, um dos artistas mais notáveis da sua geração e cujo espírito e trabalho tanto fulgor deram às festas; Guilherme Camarinha; Alberto Vieira Braga; Umberto Pinheiro; Dr. Armando Faria; Luís Margaride; Silvino Alves de Sousa; o Comandante da Guarda Nacional Republicana; a direcção do Vitória Sport Club; a Legião e Mocidade Portuguesa — enfim, estes e muitos mais cujos nomes me não acodem agora ao bico da pena, mas de cujo esforço guardo as mais agradáveis recordações.

São todos eles, realmente, quem realizou o programa das Comemorações de Guimarães.

Postais de longe

Meu Caro Chico:

Agradeço-te o jornal que me mandaste pelo correio no qual li o teu artigo. Desconhecia os teus serviços prestados a essa terra e até te considerava incapaz — perdôa-me a franqueza — dessa actividade. Não obstante seres tu o autor do elogio da tua obra, não me atrevo a dizer-te — «Gaba-te cêsta que vais à vindima», mas antes digo que gosto de te ver triunfar na vida, mas sem criares antipatias. E olha, meu caro, lembra-te de que as boas acções são sempre premiadas com a consoladora tranquilidade de consciência de quem as pratica, motivo por que nada aproveitam todas aquelas pessoas que criam ódios, vinganças, desinteligências, etc., etc. Eu, pelo menos, assim o entendo.

E por hoje nada mais. 1940 - Fevereiro - 22

Abraços do teu Amigo

José Maria.

Horas bárbaras

XXXI

Mas, em vez de afirmar o brilhante e vitorioso êxito das suas forças, dirigindo-se a Smolensk e tomando esta cidade, *Segismundo* regressou à Polónia, e, depois, a Viena, onde havia sido chamado pelo Imperador Maximiliano para se regularem, em conferência, as questões da Hungria e da Boémia. Mais sabido e fino político, foi Maximiliano quem, havendo recebido pomposamente o seu interlocutor e iludindo-o com a miragem de fagueiras promessas, tirou as melhores vantagens do acôrdo estabelecido: e assim, enquanto Maximiliano se propunha e tomava compromisso de intervir na Prússia, onde, outra vez, os Cavaleiros Teutónicos se preparavam para novos cometimentos, os seus próprios emissários fomentavam a rebelião junto do Gran-Mestre Alberto de Brandeburgo, que se recusara, abjurando da convenção de 1466, a prestar juramento de fidelidade ao Rei da Polónia. E *Segismundo*, chamado à Lituânia, não cuidou logo de exigir o exacto cumprimento do pacto. Essa viagem tinha por fim preparar uma expedição contra o Tsar moscovita Basílio; mas ela começou, de facto, por se ver obrigado *Segismundo* a combater os tártaros que, havendo-lhe prometido seu concurso nessa guerra, tinham antes dirigido suas forças contra as terras polacas da Galícia e da Polónia, para onde outra vez se voltaram quando, já tardiamente em obediência à combinação feita, tendo lutado e vencido forças moscovitas, apenas encontraram na sua frente espessas florestas, assim quiseram procurar a compensação aos esforços despendidos nessa campanha inútil. Em 1517, *Segismundo* dirige-se a Vilva no intuito de preparar o exército, que pretendia dirigir contra a Morávia, o qual, efectivamente, fez larga penetração nesse país; mas a campanha logo se assinalou por vários desastres, que acarretaram grossas perdas aos polacos, que, ainda assim, com verdadeiro e heróico denodo se desforçaram deles em Poloczka, onde 7.000 cavaleiros moscovitas foram batidos por 2.000 cavaleiros polacos. Entretanto os tártaros, que logo se haviam de aliar com os moscovitas, percorriam a Valáquia, entravam na Galícia, saqueavam várias cidades e batiam as forças polacas no reccontro de Sokal. Conhecedores, porém, de que *Segismundo* lhes vinha no encalço, avançando rapidamente sobre Sandomir, à frente dos contingentes do Ducado de Cracóvia, receram-no — e abandonaram os Estados polacos. Pacificada a Galícia e a Lituânia, expulsos para além das fronteiras os Tártaros e os Moscovitas, *Segismundo* pensou então em vingar-se da afronta dos Cavaleiros Teutónicos, abrindo hostilidades contra o Gran-Mestre Alberto de Brandeburgo, cujos territórios invadiu. A luta prosseguia, em diversos combates de vária sorte, quando Maximiliano, faltando agora abertamente ao convenção em Viena, enviou tropas suas, sob o comando de Schomberg, em auxílio dos Cavaleiros Teutónicos. A Prússia, vendo-se retalhada por tôdas estas forças, que se lhe tornavam afinal igualmente inimigas pelas associações que nela causavam, pediu o termo de guerra: Alberto e *Segismundo* convencionaram a paz durante quatro anos, accedendo este ao pedido daquele. Em 1525, quando o pacto ia findar, Alberto de Brandeburgo, vendo que os recursos da Ordem estavam esgotados, sentindo-se abandonado pelo Imperador, e o descontentamento dos seus próprios sectários, que haviam tomado o partido de Lutero contra Roma, aderiu à crença luteriana, renunciou publicamente à dignidade de Gran-Mestre, casou, e pediu ao Rei da Polónia o reconhecimento como Duque hereditário da Prússia Oriental, declarando-se assim vassallo da Polónia. E *Segismundo* aceitou.

DR. ALFREDO PIMENTA

Indiscutivelmente, estamos diante de uma manifestação de actividade intelectual tão invulgar, que seria uma injustiça das maiores não a registar aqui, no momento em que o nosso illustre colaborador acaba de mandar para as livrarias, mais um produto do seu labor extraordinário.

Ao principiar o Ano Aureo de 1940, o infatigável Historiador dá-nos um feixe de trabalhos que honram o seu nome, o da sua terra, e o do seu País.

Queremos referir-nos ao opúsculo XI da série «*Estudos Históricos*», que sob o titulo de «*Onde nasceu Portugal*» está à venda nos livretos. Trata-se dum estudo bem documentado, no qual o eminente escritor demonstra claramente a inconsistência do combate à tese de que em Guimarães nasceu o Estado Português. A



argumentação e a prova são concludentes. Leia esse opúsculo todos os vimeiranos, e aproveitarão os ensinamentos dessa brilhante lição de História Pátria.

Apareceram também na mesma ocasião, mais dois estudos importantes para a nossa História: «*Três Documentos Afonsinos*» publicados e comentados pelo nosso prezado erudito, e o «*Livro dos Robos que os franceses e Vassallos del Rei de França fizeram aos moradores da Vila de Guimarães no século XVI*». O prefácio do Sr. Dr. Alfredo Pimenta fez aos documentos inéditos que na Torre do Tombo encontrou, é um trabalho histórico dum altíssimo valor, e demonstra exuberantemente as qualidades de investigador que colocaram, há muito, o nosso conterrâneo na galeria dos Herculanos e Gamas Barros.

Mas a cooperação do grande Historiador nas comemorações Centenárias ainda vai mais longe. Além dos trabalhos no prelo «*Os Forais Medievais Vimeiranos*», as «*Memórias do Mosteiro do Paço de Sousa*», os «*Documentos para a História de Idanha-a-Velha*» editados pela Junta de Provisoria da Beira Baixa, e a sua colaboração nos «*Portugaliae Monumenta Histórica*», temos ainda a próxima Monografia que a Câmara Municipal de Guimarães vai oferecer à Cultura Portuguesa, intitulada «*Guimarães, História e Arte*».

Neste trabalho, que já está a imprimir e vai ser um acontecimento nas letras pátrias, apresenta o Sr. Dr. Alfredo Pimenta uma monografia sobre Guimarães que vai causar sensação nos meios culturais do nosso país. Com documentação inédita, a mais completa que até hoje se tem publicado, da História Vimeirana, este monumental estudo vai honrar Guimarães, provando a sua importância através a História e rectificando em muitos passos, os incompletos trabalhos do Cônego Estação, do Padre Torcato e Padre Caldas.

Essa Monografia será colaborada na parte dedicada à Arte Vimeirana por outro valor intelectual da nossa terra, o sr. Alfredo Guimarães, um dos mais consagrados Críticos de Arte em Portugal. A sua grande e imortal obra — o Museu Alberto Sampaio, colocou o seu nome na História Artística Vimeirana, num lugar tão alto e tão seguro, que já mais se apagará da memória dos vimeiranos cultos. Este devotadíssimo escritor apresenta na referida Monografia um estudo sobre Arte que vai merecer indubitavelmente os maiores elogios das competências nacionais. O esplêndido trabalho com que a Câmara Municipal vai enriquecer as letras portuguesas, será profusamente ilustrado com gravuras, e desenhos de consagrados Artistas, e toda a sua organização é feita de baixo da orientação e gosto artístico do Sr. Alfredo Guimarães.

Como os nossos leitores vêem, a actividade intelectual dos dois escritores que Guimarães teve a dita de ver nascer, não afrouxa, antes cada vez mais se manifesta.

Regosijemo-nos todos com isto, e assim o exemplo dos que tão alto elevam o nome de Guimarães, frutifique perenemente.

PRESIDENTE DA CAMARA

A tratar de assuntos que se preparam com as próximas Festas Nacionais da Fundação de Portugal, esteve em Lisboa, de onde ontem regressou a esta cidade, o illustre Presidente da Câmara, sr. Dr. João Rocha dos Santos.

Farpas

A Luz

Parece encaminhar-se para solução satisfatória a debatida questão da luz.

Posta de parte a ideia da municipalização, que nós combatemos porque a achamos contrária aos justos interesses dos consumidores sem palpável vantagem para as freguesias do concelho, já a Câmara se pronunciou, por uma grande maioria, pela concessão. E logo que seja estabelecido o caderno de encargos, cuja elaboração foi entregue a reparição competente, ver-se-á quais são as mais vantajosas propostas para concessão, de maneira a assegurar, sem encargos maiores para os consumidores, o alargamento da actual rede a tôdas as freguesias que queiram, e muito justamente, os benefícios da luz eléctrica.

As municipalizações, regra geral, nada têm produzido de proveitoso, mesmo naquelas terras onde tais serviços são reputados modelares. Não era de crer que a nossa terra viesse a constituir uma excepção e, portanto, entre o certo e o incerto, parece-nos preferível optar pelo certo.

Depois do arranjo que vão sofrer as nossas principais ruas e largos, torna-se necessário dar-lhes uma melhor e bem distribuída iluminação.

Este pormenor, de grande importância para qualquer terra, também foi encarado, como devia ser, e, em breve, teremos boa iluminação. Os candeeiros actuais vão ser substituídos por outros mais modernos e a instalação da luz vai ser feita de modo a poder-se, em qualquer hora que se deseje, diminuir a intensidade da iluminação, o que traz vantagens e economia.

As freguesias do nosso concelho também não ficarão esquecidas e, logo que se reúna número suficiente, far-se-á a iluminação dessas freguesias, melhoramento este pelo qual tantos anseiam já.

E' evidente que a luz não poderá chegar a tôdas as freguesias ao mesmo tempo. Começar-se-á pelas mais próximas e ir-se-á gradualmente até se conseguir que tôdas fiquem devidamente iluminadas. Qualquer que ele seja, tem o concessionário vantagem em que tal facto se dê, visto que quanto maior fôr o consumo mais resultados lhe advirão.

Portanto, depois do embelezamento e arranjo das ruas, teremos, também, melhoria e alargamento da iluminação, o que tudo contribue para o engrandecimento e progresso da nossa terra e do nosso concelho.

S. João das Caldas, 21 de Fevereiro do Ano Aureo. X. X.

Símbolos de miséria!

Ele, um pobre animal, que vive triste e esfomeado, arrastando com sacrifício a carga que transporta dia a dia, mês a mês e ano a ano...

Ela, um *traste* nojento e deprimente, que escarnece de tudo e de todos, inclusivamente da dignidade de um povo que sempre foi digno de boa sorte...

São os dois — o burro e a carroça — que estão na *berlinda* e que continuarão a estar até ser feita a justiça devida à nossa terra. Pelo menos, que não tenhamos de corar de vergonha quando a cidade estiver em festa nas Comemorações Centenárias.

PROPRIEDADE

Constante de casas, terrenos de cultura, vinha e ramadas, produzindo vinho tinto e branco e bastante fruta, próximo das Taipas, vende-se. Informa Júlio Exposto — Ribeira — Sande.

NINGUEM...

Quando eu morrer meu corpo baixará
Ao berço que o embalou, à Terra amada.
Simples o seu entêrro: levará
Duas filas de pobres e... mais nada...

Numa cova bem funda dormirá
A grande Paz-Eterna desejada
E nenhum sofrimento mais terá
O espólio final, a branca ossada...

Quando eu morrer e fôr p'ro' cemitério
Levado p'la pobreza **alguém**, mui sério,
Preguntará: — Quem é?... quem é o pateta?...

De resposta ouvirá o tal **alguém**:
— Um morto que na morte é um **ninguém**
E não passou, na vida, de poeta...

Fevereiro de 1940.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

A POLÍCIA Roteiro da Cidade de Guimarães

A Imprensa voltou, de novo, a ocupar-se da falta de polícia em Guimarães, assunto que vem sendo ventilado desde há anos e com justificados motivos.

Não faz sentido, de facto, que esta terra tenha uma Esquadra policial com pouco mais de uma dúzia de homens, do que advem um serviço inteiramente deficiente e cuja deficiência é, portanto, uma resultante do número insignificante de guardas de segurança pública. Guimarães, que é uma cidade que tem muitas ruas e bastantes largos, tem direito a Esquadra policial com algumas dezenas de guardas, pelo menos 30 a 35, a fim de que o serviço de policiamento possa ser regularmente feito.

Fora disso, ninguém poderá exigir mais nem talvez melhor, visto que não poderão ser destacados, de cada vez, para o serviço de policiamento, mais de 2 ou 3 guardas. Em tais circunstâncias, não se poderá igualmente exigir uma responsabilidade absoluta aos referidos agentes da autoridade, que não são dotados da possibilidade que se atribue ao «*lume das bruxas*» — a de estar em toda a parte. Se a cidade fôr policiada apenas por um turno de 2 ou 3 polícias, como na realidade acontece, — se não estou em erro — como é que o serviço há de corresponder aos desejos da população respectiva? Evidentemente que é impossível. Não quero com isto encobrir faltas ou negligências — porque serei o primeiro a apontá-las, quando de umas ou de outras tiver conhecimento — mas simplesmente pretendo colocar a verdade no lugar em que deve estar neste caso. O actual número de polícias que há na cidade de Guimarães chega a ser incompatível com a categoria desta terra e por outro lado os serviços prestados tornam-se da mesma forma e pela mesma razão incompatíveis com a perfeição com que devem ser executados.

Embora Guimarães seja uma terra pacata, isso, porém, não evita que seja devidamente policiada. E não é de mais pedir uma Esquadra policial com 30 a 35 guardas, tratando-se de uma terra que já foi detentora de um Regimento de Infantaria — o ainda saudável Regimento de Infantaria 20, que na anterior Grande Guerra contribuiu, com o patriotismo e bravura dos seus oficiais, subalternos e soldados, para a glorificação da Pátria. Que se destine aqui um Corpo policial que satisfaça, isto é, que tenha a gente precisa para fazer ou prestar serviços que não dêem motivo a comentários pouco lisonjeiros. A' frente dos destinos da Guimarães estão pessoas que não descurarão este caso e é nesse

Dentro de breves dias aparecerá nas vitrines dos Livreiros o anunciado «*Roteiro da Cidade de Guimarães*», do nosso distinto conterrâneo e colaborador sr. Jerónimo de Almeida. Vai este *Roteiro* constituir, sem dúvida, um precioso elemento de elucidação do viajante, que visitando o Bêrço da Nacionalidade neste ano aureo em que Portugal celebra o seu Duplo Centenário, há-de querer familiarizar-se mais intimamente com os seus monumentos, a sua história e a sua actividade social. Escrito numa linguagem elegante e sugestiva, cantando bem ao ouvido pela harmonia verbal do seu conjunto, é nosso ponto de fé que será este livro, em feliz hora dado à publicidade em nossa terra, uma espécie de canto patriótico enaltecendo as virtudes locais, fazendo destacar constantemente o papel prestigioso que Guimarães ocupa entre as demais cidades do país.

Não carece já agora o nome do autor — consagrado nas letras pátrias pública e oficialmente — dos nossos elogios, ainda que antecipados à opinião geral, pois a crítica se encarregará de fazer justiça a quem a merece. O melhor reclamo será a mesma obra, que se imporá em rápida leitura a todos aqueles que a folhearem.

Nós, como vimeiranos, desde já nos congratulamos pela oportuna lembrança do nosso illustre Poeta, que prestando um bom serviço à sua e nossa terra, vai certamente conquistar gerais simpatias com o seu novo trabalho literário, ao qual prestono justo e patriótico auxílio a própria Câmara Municipal da presidência do illustre Vimeirano sr. Dr. João Rocha dos Santos, com o subsídio concedido para tal publicação.

Logo que a obra apareça diremos algumas palavras mais, como será justo.

BANDA DOS B. VOLUNTÁRIOS

No dia 25 de Março próximo passa o 37.º aniversário da fundação deste excelente agrupamento artístico, que tão longe tem sabido levar o nome de Guimarães.

Com a aproximação daquela data, avizinha-se o momento oportuno para que a cidade de Guimarães preste ao regente da Banda, o incansável maestro Sr. Joaquim Guise, a homenagem de que é bem merecedor pelo carinho e interesse com que sempre tem sabido acompanhar a Banda, de que foi fundador e, ainda, pelo zelo e competência, postos desde sempre ao serviço desse conjunto artístico e da sua e nossa Terra.

Estamos convencidos de que esta ideia, que já não é de hoje mas que encontrou, finalmente, uma óptima oportunidade, irá encontrar no coração de todos os vimeiranos e muito especialmente da muito digna Câmara Municipal, o acolhimento bem merecido e que ao sr. Joaquim Guise será conferida a «*Medalha da Cidade*», premiando-se desta maneira os seus esforços no decorrer de trinta e sete anos de aturados trabalhos.

sentido que a opinião assenta as suas esperanças em melhores dias destinados ao assunto em referência. E depois, quando o número de guardas de segurança pública fôr suficiente para uma melhor regularização de serviços, exija-se a cada um o possível das suas responsabilidades. De resto, o Senhor Governador Civil mais uma vez se colocará ao lado desta pretensão dos vimeiranos, povo que já lhe é devedor de várias e valiosas atenções.

Zé da Aldoia.

Lêdo e propagal o «*Notícias de Guimarães*»

GAZETILHA Criticas Pequenas

Coisas há que eu não percebo e por isso não me atrevo a entrar em discussão; mas não deixo de dizer que gostaria de ver em seu lugar a razão.

Um sugeito discutiui, a «*garganta*» bem abriu, fez *gababela* famosa; disse o que lhe apeteceu, aos *cornos da lua* ergueu, a sua obra tam *vistosa*...

Que a pessoa se gabasse, que vaidosa se mostrasse, com isso ninguém tem nada; mas que viesse *bufar* por palmas não se lhe dar, isso só em *Freixo-Espada*!

Eu cá sei quem foi visado por o tal sugeito irado, mas procurou responder; e garanto-te leitor que ele apanhava um calor que o punha mesmo a escorrer.

Mas uma coisa surgiu e a tal resposta caiu inerte, toda a *sangrar*... E eu ao ver a pobre assim disse, triste, para mim: — Tem de se ouvir... e calar!

BELGATOUR.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, ficam-nos de fora algumas das nossas habituais secções e outro original, de que pedimos desculpa aos seus autores.

Há bons quinze anos que lêmos com particular enlêvo as *Questões de Lingua Pátria*, de I. Xavier Fernandes. Foi por isso com alvoroço que nos últimos dias percorremos ansiosamente o primeiro volume dos seus *Estudos de Linguística*. Apenas aparecidos, logo apreciados.

Não encontramos nestes *Estudos* o enlêvo que nos afagou nas *Questões*. O que não significa desgosto do apreciar.

Não. I. Xavier revela cada vez mais saber filológico.

Gasta nove páginas para demonstrar que *emérito* é bem empregado no sentido de *distinto*, *excelente*. Artur Bivar, o contraditado, deve ter ficado satisfeito com a correcta e completa demonstração do Opositor. Pena foi que Torrinha e Moreno não figurassem na formosa e longa teoria da larga demonstração.

O Linguísta oferece-nos oitenta e oito nomes em *cida*. Já é caboucar!

Os reparos ao Dicionário de Nascentes, a réplica e a contra-réplica são um monumento de saber e de equilíbrio e de correcção, das duas partes.

Os dous mapas do quadro genealógico das línguas e sub-línguas indoeuropeias são um assombro de trabalho e mais alguma coisa.

E' Grande Cabouqueiro este Xavier!

G.

V á r i a R A I O X DESPORTO

Os pequenos pagens de música

de Paul Aréne.

Pagens, pequenos pagens de música! — não é verdade, meus amigos, que só vosso nome parece de sonho, e que, sem mesmo tirar a limpo em que consistia tal profissão, vos dava vontade de serdes pagens de música?

Pagens, na verdade, os pagens de música existiram. O illustre de Assoncy, imperador do burlesco, de que haveis de ler, quando fordes grandes, as aventuras extravagantes, viajava sempre acompanhado de dois pequenos pagens, que ele mandava cantar, para os ensinar. Era o costume d'esse tempo. Maria de Médicis trouxe vários, de Itália, — e a moda pegou, e ainda era moda no tempo de Luís XIV. Lullí, esse diabrête de três anos, mau e vivo, e negro — embora filho de moleiro —, era simples pagem de música, quando o Senhor de Guise o encontrou, a arrancar na rabeça, pelas ruas de Florença: — «Traz-me um rapazinho italiano, se algum encontrades engraçado», havia dito. Mamizela de Montpensier ao Senhor de Guise. E o Cavaleiro trouxe Lullí, como traria um papagaio da América. Lullí teve sorte na corte. Bem vêdes que os nossos pagens de música, os pifferari despenteados, que arrancham o Miserere do Tavador sobre o joelho e berram «E viva l'Italia» nos cafés da capital, tem gloriosos antepassados.

Devia de ser vida bizarra e encantadora, para um rapazola de doze a quinze anos, andar assim a correr mundo, a estudar música — e não a guerra — e levando não — como os pagens da rainha Berta —, a lança ou o escudo do cavaleiro, mas, o que vale talvez melhor, a teorba ou o alaúde e o livro de solfa de algum poeta e cantor!

Com certeza, bons dias é que não faltavam. Foi a Senhora Royala que mandou vir, para apreciar a sua nova canção, o mestre e o discípulo ao seu palácio da Vigne. É um Prior, é um Legado que os conforta de vinho Episcopal, de vinho Papal. Disputa-se a sua companhia. Ao longo dos caminhos, abrem-se-lhes as grades dos castelos; ao mestre, punhados de Clarins; ao discípulo, a gentil criança, que se conserva afastada e tímida, uma roupa entrelaçada de passamanaria de ouro, um barrête de plumas, dados de presente.

Depois, as pousadas nas boas cidades; os confrades que se encontram; alegres companheiras que vos festejam; aventuras dos grandes caminheiros e das hospedarias — duelos por certo ar ou melodia. O aprendiz músico de tudo isto compartilhava: prova aquele marôto de Pierrot, que perdera a voz de tanto beber.

É claro que também havia dias de miséria. As portas deixavam-se ficar muito fechadas, e as orelhas surdas. Passavam-se duros tranques, a cantar na taverna ao povo miuçalho, as plumas derrubadas, os gibões esfarrapados e descoloridos do antigo brilho. A arte, ganhava, porque o mestre, vasia a algebeira, recolhia mais cedo — e a lição era mais demorada. Mas o pior de tudo era quando o Mestre morria, ou levado preso à conta de qualquer mau negócio; era quando o mestre succumbia, deixando só, em país estrangeiro, o seu pagem, o pobre pequeno pagem da música!

Li, há tempos, num solar do Alto-Delphinado, meio casa de campo, meio castelo, a carta de um pequeno músico, assim abandonado durante toda uma estação de neve, carta que, coitada!, nunca foi deitada, e que conservam ainda, depois de mais de duzentos anos, nos arquivos, entre outra papeada.

Minha querida irmã:

Como está frio, aqui, e como o teu Giovannino é desgraçado!... Lembra-te quando, a primavera passada, o signor António, o meu querido mestre, me aprovou, a pesar da minha idade, como bastante forte em música e como tendo voz? deitar-se a falar de Paris. Paris é longe, dizia ele, mas canta-se pelo caminho... Em Paris, a Rainha é uma Médicis. Como sorte e algumas canções bonitas, em Paris, a fortuna é certa... Paris, e mais Paris. E sempre a Rainha, a corte! Tanto que, numa bela manhã, partimos.

Com nossos instrumentos de música e nossos livros, trazíamos, atravessado no jumento, o grande polichinelo napolitano, todo vestido de branco e coraçado de coiro, que o próprio António havia talhado em madeira, e tanto nos havia feito rir! ainda o ano passado.

Continua.

A honra, a probidade, a fama, a glória e que tais palavras é fumo, é nada. Quem troca por loureiro (!) pão d'Avintes, Ou tostados biscoitos? — E'inda há parvos Prãgado sabiches que ter virtudes E' melhor capital do que ter loiras (!). Viu-se sandice igual? — O rumo é outro, E' pé-leve, mão pilha, e ser maroto. Que esperto quer dizer, pois são sinónimos, Na do progresso singular languageum. Que tempo tão feliz — que século d'oiro!

Ferreira Girão.

(!) As coroas de loureiro, com que se coroavam os artistas e os heróis.
(2) libras.

Vai já há alguns meses que um colaborador do «Notícias» tratou de um assunto que dizia respeito ao progresso da Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, que tem sido beneficiada com melhoramentos de grande importância. Entre esses melhoramentos, destaca-se aquele que transformou por completo a sala de operações, de modo a torná-la uma dependência modular sob todos os aspectos.

Não é lícito exigir mais ou melhor e isso deve ser motivo de muita satisfação, quer para quem superintende na vida da referida Instituição, quer para o seu ilustrado corpo clínico quer, também, para todos aqueles vimaranenses que gostam de ver prestigiado e engrandecido o nome da sua terra. Nós, que pertencemos ao número destes, nunca deixamos de aplaudir tudo aquilo que diga respeito ao engrandecimento de Guimarães e é de acôrdo com este nosso procedimento que hoje nos lembramos de secundar o que há tempos foi dito aqui — como vínhamos dizendo — por um colaborador deste jornal, relativamente à necessidade da Santa Casa adquirir um aparelho Raio X.

Infelizmente, essa ideia não produziu, até ao presente, o desejado resultado e não será de mais insistir na realidade desse melhoramento, visto que uma terra como esta e um Hospital como o citado justificam plenamente a aquisição do Raio X. Não discutimos a questão de oportunidade, mas o que é certo é que podemos discutir qualquer opinião que venha de encontro à nossa, isto é, que contrarie a necessidade do mencionado aparelho. Há terras, que sendo muito inferiores à nossa, já o têm e há outras que, sendo pouco mais importantes, até têm mais do que um. Em Braga, por exemplo, há pelo menos quatro, um dos quais foi adquirido há pouco tempo e, segundo informações que temos, o seu custo andou à volta de sessenta mil escudos. Dizem-nos que satisfaz.

Como se vê, as terras de uma certa categoria estão a reconhecer a utilidade da existência do Raio X e justo é que a nossa a reconheça também, tanto mais que a sua falta se torna sentida quasi dia a dia. Esperamos, pois, que o Hospital da nossa Santa Casa da Misericórdia seja beneficiado, o mais breve possível, com mais esse melhoramento, tornando-se, assim, mais completa a sua finalidade.

X.

A apoteose pirotécnica das Festas

As Festas Centenárias da Fundação terão em Guimarães, como consta do respectivo programa, e às 24 horas do dia 4 de Junho a apoteose pirotécnica.

De todos os pontos culminantes que cercam Guimarães, serão lançadas simultaneamente, grandes peças de fogo de artifício que se cruzarão no ar, sobre o Castelo, durante cinco minutos.

Para tal fim estiveram há dias em Guimarães os conhecidos pirotécnicos de Viana do Castelo, srs. Silva & Filhos — os mestres da pirotecnia nacional — que conferenciaram com alguns elementos preponderantes da Comissão das Festas, muito principalmente com o illustre Presidente da Câmara, sendo encarregados da organização d'esse soberbo número do programa.

Sabemos que já estão escolhidos os pontos principais para o lançamento do fogo. Vários, pois, ter ocasião de assistir a um espectáculo grandioso e inédito que só os conhecimentos técnicos daqueles exímios artistas nos poderiam proporcionar.

Louvares mereço, pois, a Câmara Municipal pela feliz escolha que fez para a organização dessa apoteose.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

FOOT-BALL

No domingo veio até nós o Sporting Club Arcoense para defrontar no campo de Benlhevai o Vitória Sport Club em desafio oficial a contar para a prova em curso.

A partida teve pouco brilho, terminando com o triunfo do grupo vimaranense apenas por 2-1. Quem não assistiu ao jogo ficou, por certo, surpreendido com o exiguo resultado obtido pelo grupo campeão, dada a conhecida diferença de classe que o separa daquele seu antagonista. Mas a verdade é que ele não mereceu melhor. Embora tenha tido maior quinhão de domínio, o Vitória teve nos seus dianteiros, com excepção de Tavares, que cumpriu, apagados colaboradores, estando certo, portanto, o score.

O grupo dos Arcos de Valdevez, que tecnicamente pouco merecimento tem, com o intuito de obstar um pesado resultado desfavorável, pôs na luta grande entusiasmo e muita energia. Nenhum dos seus elementos deu tréguas ao adversário, obrigando as linhas defensivas dos alvi-negros a manterem cuidada vigilância. Tendo sofrido a primeira bola logo no começo do encontro, não se deixaram tocar pelo desânimo e continuaram a lutar com decidida vontade.

Como acima se diz, o Vitória teve nos seus avançados o mais inactivo e desmantelado sector. Praticamente não teve avançado-centro. O elemento que ocupou este posto, vindo de categorias inferiores, só prejudicou. Teria sido bem melhor jogar sem ele. Causamos admiração como estas coisas sucedem! Parece que a boa lógica aconselhava que, dada a impossibilidade de se fazer alinhar Pantaleão ou A. R., se chamasse Virgílio ou Costa, jogadores experimentados, e nunca um elemento que, possuindo embora habilidade, é inexperiente e muito novo para tais jogos. Nestas provas oficiais as experiências são, em regra, perigosas. E isso ia-se verificando mais uma vez. Ousamos, portanto, lembrar para se ter isto em conta, quer se jogue em casa ou fora dela. E não o fazemos por mal! Aquelle magnífico triunfo de Fafe ia ficando ofuscado pelo excesso de confiança que no domingo se verificou. Cuidado, pois! Os outros elementos dianteiros — Bravo, Oliveira e Laureta — estiveram muito abaixo das suas possibilidades. O único que se evidenciou foi Tavares. A defesa e médios, sem ter atingido brilho, trabalharam com acôrto, merecendo referência especial aquele corajoso e aparatoso lançamento de Ricoca aos pés de um adversário quando este se preparava para atirar às redes, na frente destas isolado.

Nos visitantes, o melhor sector foi a extrema defesa, onde Jesus, guarda-redes, se destacou, fazendo muitas defesas e algumas de boa classe. O médio centro e o médio-direito também são bons elementos. Os dianteiros, embora mexidos, têm pouca categoria.

O dois tentos do Vitória foram marcados por Dias e Tavares. O primeiro ao começo do encontro, em consequência de um canto; o segundo também no começo da metade final, com um bom chute. O ponto dos arcoenses foi obtido pelo extremo esquerdo.

Comandou a pugna o sr. Correia da Costa, do Pôrto. O seu trabalho não desmereceu. Apenas distinguiu mal o jogo da lei e o que estava fora dela. Apitou por tudo, mas não prejudicou com intenção de o fazer.

Hoje joga com o Vitória o

da cidade

Diversas Noticias

«Revista de Guimarães», — Portaria de Louvor à benemerita Soc. M. S.

O Sr. Ministro da Educação Nacional fêz publicar no «Diário do Governo», de 14 do corrente, uma portaria de louvor à Sociedade Martins Sarmento, nos mais elogiosos termos, pelo facto de a «Revista de Guimarães», órgão da mesma Sociedade, completar este ano, 50.º anos de vida.

As Revistas mais antigas do País são a de Lisboa, Coimbra e a de Guimarães. Esta, pela sua primorosa colaboração, honra a cidade de Guimarães.

Como vimaranenses, rejubilamos com tão merecida distinção.

As Festas Centenárias em Guimarães

Esteve em Guimarães, na terça-feira passada, o sr. Capitão Henrique Galvão, que conferenciou, no salão nobre dos Paços do Concelho, com o sr. Presidente da Câmara e diversas entidades vimaranenses, acerca das próximas Festas Nacionais e dos diversos números do majestoso programa das comemorações Vimaranenses.

Sua Ex.ª esteve também no Propósito a apreciar o material da Marcha Gualteriana, a fim de se pronunciar acerca da marcha luminosa que vai realizar-se na noite do dia 4 de Junho próximo.

O sr. Capitão Henrique Galvão ficou optimamente impressionado com tudo o que lhe mostraram.

O distinto Oficial deve voltar dentro em breves dias a Guimarães, para ultimar diversos trabalhos.

Recital pelo «Grupo Musical Feminino»

No próximo dia 6 de Março, às 21,15 horas, no Teatro Martins Sarmento, realizar-se-á um Recital promovido por aquele Grupo Musical, cuja direcção Artística está confiada ás ex.ªs sr.ªs D. Stella da Cunha e D. Clotilde da Cunha.

O mesmo Grupo é composto pelas ex.ªs sr.ªs D. Ema Salgado, D. Conceição Cândida da Cunha Oliveira, D. Maria Lopes Gonçalves de Andrade, D. Maria Alice da Conceição e Silva, D. Maria Joaquina Pinto Rodrigues de Sá, D. Maria Júlia Campos, D. Arminda Vilela Guimarães e Sousa, D. Adelaide de Carvalho, D. Maria Isabel Magalhães, D. Maria da Conceição F. Costa Brandão, D. Maria do Carmo Garcia, D. Adriana Barros Gomes Ferreira e D. Graziela Celeste Máxima Alves Esteves.

No recital colaboram também as distintas violinistas ex.ªs sr.ªs D. Cecília Taveira, D. Fernanda Soares Dias, D. Francine Desbernet e D. Maria Carolina Vieira.

A apresentação do Grupo será feita pelo ex.º sr. dr. Américo Durão, consagrado poeta e nosso illustre colaborador.

Legião Portuguesa

São avisados todos os legionários do 1.º Terço a comparecer no quartel deste Batalhão no dia 25 do corrente, pelas 9 horas da manhã, devidamente uniformizados.

Quartel em Guimarães, 21 de Fevereiro de 1940.

O Comandante do Batalhão, Ernesto Moreira dos Santos (Tenente).

Orfeão de Guimarães

Começaram os ensaios da cantata «Fátima», de P.º Luiz Rodrigues, que será executada brevemente na cidade do Pôrto, com acompanhamento de orquestra.

«Obra das Mães»

Como dissemos, realizou-se no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento a sessão solene para a entrega dos bérços e enxovais ás mães contempladas pela «Obra das Mães» da Educação Nacional.

O magnífico salão estava repleto de senhoras, filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina, professores, autoridades civis, militares, religiosas, pessoas de representação social, etc.

Presidiu à sessão a sr.ª D. Helena Cardoso Menezes, ladeada pelos srs. Dr. João Rocha dos Santos, illustre Presidente da Câmara Municipal; Dr. Aventino de Faria, Vice-Reitor do Liceu Martins Sarmento; D. Albina de Quadros Flores, P.º António Cândido Pires Quezado, professor ou Liceu; representante da Legião Portuguesa e Major Mário Cardoso, da Sociedade Martins Sarmento.

Aberta a sessão, as filiadas da M. P. F. cantaram o Hino da M. P. F., falando o sr. Major Mário Cardoso que

Desportivo de Monção. É mais um desafio em casa e, naturalmente, mais um triunfo. Isto não quer dizer que não seja preciso haver cautela e vontade de jogar.

J. Gualberto de Freitas.

TEATRO MARTINS SARMENTO E M P R E S A JORDÃO & C.ª

Hoje ás 15 e ás 21 horas

A mais impressionante história de amor apresentada no cinema

O DÓMINO VERDE

Com a talentosa artista,

DANIELLE DARRIEUX

Quinta-feira, 29

O JOGADOR

reconstituição de um dos mais expressivos romances de DOSTOIEVSKI interpretado por VIVIANE ROMANCE.

disse ter cedido o salão daquela casa-museu com a melhor boa vontade para se realizar nêle uma festa cujo fim era altamente simpático.

A seguir usou da palavra o rev. P.º António Cândido Pires Quezado, que se referiu com brilho ao valor desta obra, o qual, depois da cerimónia da entrega de quatro bérços e respectivos enxovais, encerrou a sessão, em nome da Presidente.

No final, as filiadas da M. P. Feminina cantaram o Hino Nacional.

Bispo de Angra

Nos primeiros dias do próximo mês de Março e acompanhado do seu secretário particular, rev. Francisco Fernandes da Silva, parte para Angra do Heroísmo, o nosso illustre conterrâneo e venerando prelado daquela diocese, sr. D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães.

Juventude Escolar Católica

No dia 9 de Abril próximo deve realizar-se no Teatro Martins Sarmento um espectáculo levado a efeito pela Juventude Escolar Católica (Secção do Liceu Martins Sarmento), sendo levadas à cena duas interessantes peças.

Taxa Militar

Termina na próxima quinta-feira, dia 29, o prazo para o pagamento da Taxa Militar.

Teatro Martins Sarmento

Neste elegante Teatro exhibiu-se, como estava anunciado, nos dias 19 e 20 do corrente, a Companhia de que faz parte a conhecida actriz Corina Freire, que em ambas as noites recebeu do público fartos e merecidos applausos.

Nas duas noites exhibiu-se o quarteto vocal, que muito agradou.

Câmara Municipal

Na passada quinta-feira não houve a sessão ordinária da Câmara Municipal.

Boletim Elegante

Casamento

No Santuário do Sameiro, Braga, consorciou-se no domingo o nosso amigo sr. João Luciano da Costa, interessado da casa Braga & Carvalho, Succesor, desta cidade, com a sr.ª D. Palmira Ribeiro Braga, gentil filha do sr. Manuel Fernandes Braga, importante comerciante e de sua esposa a sr.ª D. Eça Ribeiro Braga. Testemunharam o acto: por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo, sua irmã a sr.ª D. Maria de Belém Costa e o sr. José Maria de Almeida, nosso estimado conterrâneo e amigo.

Celebrou o acto o rev. Luiz Gonzaga da Fonseca, pároco da freguesia de S. Paio, desta cidade, que proferiu uma brilhante allocução.

Os noivos, a quem desejamos as maiores felicidades, seguiram em viagem de nupcias para Lisboa.

Comandante Carvalho Crato

De Lisboa regressou à sua casa da Mogada o nosso bom amigo e illustre oficial da Armada, sr. comandante Carvalho Crato.

Doentes

Tem passado incomodada a sr.ª D. Maria Carolina Catela Ferreira da Conceição, muito digna enfermeira visitadora.

Entrou em vias de franco restabelecimento o nosso prezado amigo sr. António Xavier Fernandes.

Esteve doente, encontrando-se já melhor, o nosso bom amigo sr. Lúcio Carvalho.

Também tem estado doente o nosso bom amigo sr. Augusto Nogueira da Costa, proprietário da Padaria da Rua 31 de Janeiro.

Desejamos as melhoras de todos os doentes.

Tem estado doente a gentil vimaranense M.ªe Maria José, filha da Sr.ª D. Joana Viamonte da Silveira L. Machado.

Têm estado com a gripe as sr.ªs dr.ªs Hedvigés Machado, distinta médica, e D. Laura Monteiro, esposa do nosso amigo sr. António de Pádua da Cunha Monteiro e o nosso amigo sr. António Emilio da Costa Ribeiro.

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos: Fêz anos no dia 24 a sr.ª D. Maria

Ribeiro Antunes, nossa patricia, residente em Torres Novas, esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel Coelho.

— Dia 27 e 28 de Fevereiro, sargento Domingos Mendes e José António Xavier de Matos Guimarães; dia 1 de Março, Manuel da Cunha Machado; dia 3, Manuel da Costa Pedrosa; dia 5, José Mendes Guimarães e Manuel Augusto de Saraiva Carvalho Brandão; dia 8, António Dias, S. Romão de Mesão-Frio; dia 6, Coronel Luis Pereira Loureiro e Bernardino Jordão; dia 10, Américo Alves Ferreira e António de Lencastre; dia 13, P.º Gaspar Nunes.

A todos apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles de Araújo

Na avançada idade de 84 anos, finou-se na sua casa à Rua de Francisco Agra, a sr.ª D. Maria Isabel Navarro Vaz Nápoles de Araújo, esposa do sr. coronel-médico reformado, dr. Augusto José Domingues de Araújo.

A extinta, que possuía excelentes dotes de espirito, pelo que era muito considerada em Guimarães, era sogra do sr. dr. João Martins de Freitas, director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, e aparentada com as mais distintas famílias de Guimarães.

O seu funeral realizou-se na terça-feira, na igreja da Misericórdia, com numerosa e selecta assistência, tendo sido o cadáver trasladado, após as cerimónias fúnebres e com grande acompanhamento, para o Cemitério Municipal. Pêzames à família dorida.

João de Sousa Pinto

Na sua residência à Rua de D. João I, finou-se na quarta-feira o negociante de carnes verdes sr. João de Sousa Pinto. O seu funeral, que teve numerosa assistência, efectuou-se na sexta-feira à tarde, na igreja da Misericórdia. Pêzames à família dorida.

D. Maria Clotilde Lemos Rocha

Faleceu ontem, na casa de seus pais à rua de Paio Galvão, confortada com todos os sacramentos da igreja, a Sr.ª D. Maria Clotilde Lemos Rocha, senhora possuidora de uma primorosa educação e um coração cheio de bondade.

Aquella senhora que tantas saudades deixa e que tinha apenas 20 anos de idade, incompleto, era filha extremosa do nosso prezado amigo e conceituado industrial Sr. Raúl Rocha e de sua esposa a sr.ª D. Virginia Cardoso de Lemos Rocha e irmã do laureado académico sr. Helder de Lemos Rocha.

Há muito já que a saudosa extinta lutava com uma pertinaz doença, tendo sido baldados todos os esforços da medicina.

O seu funeral realiza amanhã, segunda-feira, ás 11 horas, na igreja da Misericórdia.

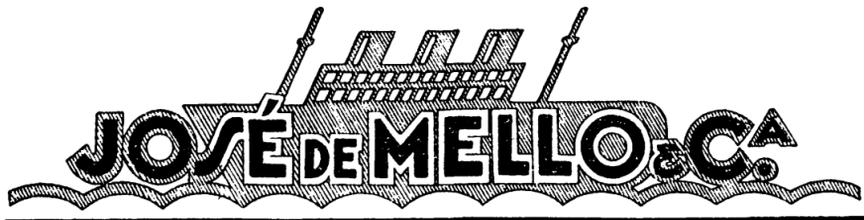
A toda a família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências.

De luto

Pelo falecimento de seu irmão o 1.º sargento reformado sr. Manuel da Silva Dantas, ocorrido em Braga, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e estimado proprietário da Tipografia Minerva Vimaranense, sr. António Lufz da Silva Dantas, a quem apresentamos as nossas sentidas condolências.

Uma verdade

O «Notícias de Guimarães» é, de longe, o semanário mais lido no concelho, o que tem maior expansão e, portanto, maior tiragem. Os Srs. Anunciantes, no seu próprio interesse, devem continuar a preferir-lo, pois, a par dessa enorme vantagem, terão sempre, nos seus anúncios, boa disposição grãfica, visto este jornal ser confeccionado na mais categorizada officina desta Cidade.



DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,

IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabricantes

e Negociantes estrangeiros e nacionais



COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

Annúncio

(1.ª publicação)

No dia 10 de Março, próximo, futuro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e, por virtude dos autos de carta precatória orfanológica, vindos da comarca de Vila Nova de Famalicão, por óbito de Artur de Oliveira Leitão, morador que foi na freguesia de Mouquim, da mesma comarca, se há-de proceder em hasta pública, à arrematação do seguinte prédio: — O direito e acção a duas terças partes de uma casa torre e terra, sita no Largo 13 de Fevereiro, da cidade de Guimarães, com os números 9 e 11 de policia, que confronta do norte com o quintal do edificio do Tribunal, sul com o Largo da sua situação, nascente com o prédio de António da Silva e poente com o prédio de José Mendes de Abreu, descrita na Conservatória sob o número 10.882 do Livro B. 85 a folhas quatro verso, e, que vai à preço pela quantia de 3.800\$00. Declara-se que tem o direito de habitação neste prédio, Dona Tereza Amélia de Jesus Pimenta, solteira, maior, proprietária, de Guimarães.

Guimarães, 19 de Fevereiro de 1940.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Rodolpho Arthur d'Abreu.

O Chefe da 3.ª Secção,

Luis Cândido Lopes.

Grande Feira Franca e Festa Religiosa

em

S. Torcato--Guimarães

NO DIA 27 DE FEVEREIRO DE 1940

No aprazível local do Mosteiro de S. Torcato, um dos mais visitados centros de romagem e Turismo, realiza-se no dia 27 de Fevereiro a costumada Feira Anual de Gado bovino, e, simultaneamente, grandiosas solenidades religiosas no majestoso templo pela comemoração do aniversário do Martirio de S. Torcato, abrilhantadas por uma banda de música que durante a tarde executará, num dos elegantes corétoes, um escolhido programa.

A Comissão organizadora deste certame estabeleceu, a exemplo dos anos anteriores, os seguintes prémios para os melhores expositores de

GADO BOVINO

1.º — Ao expositor da melhor junta de bois de engorda, 100\$00; 2.º — Ao expositor da melhor junta de bois de trabalho, 80\$00; 3.º — Ao expositor da melhor junta de touros a 2 dentes, 50\$00.

NOTAS. — Os concorrentes aos prémios terão que dar entrada na feira até ao meio dia e inscreverem-se na Pensão Central até às 13 horas. — A distribuição dos prémios será conferida pela Comissão às 15 horas. — Não é permitida a apelação para a decisão da Comissão. — Qualquer dos prémios só será conferido desde que apareçam mais do que um concorrente. — No final da feira haverá corridas de gado cavalari e outras diversões, com prémios que a Comissão previamente estabelecerá.

Durante o dia haverá carreiras de camionetes entre Guimarães e o local da feira.

Sorte de Mato

Na freguesia de Vila Nova de Sande, com 17.250 metros quadrados, vende-se, inteira ou parcelada. Vêr e tratar, António Martins. Lugar da Cruz — Brito.

Conferência de S. Vicente de Paulo (Homens)

Resumo das suas actividades em 1939

CONTAS

Receita — Saldo de 1938, 69\$75; Colectas semanais entre os Confrades, 272\$90; Colectas dos subscritores annuaes, 1.291\$70; Escolas recebidas, 2.019\$70. Total, 3.654\$05.

Despesa — 170 alqueires de milho, 2.570\$00; Géneros de mercearia distribuidos, 645\$00; Rendas de cavas pagas, 271\$00; Socorros extraordinarios em numerário, 20\$00; Missas regulamentares e sufrágios, 87\$50; Impressos e expediente, 56\$00; Saldo para 1940, 4\$55. Total, 3.654\$05.

Cobertores e mantas distribuidas pelos socorridos, 29 e 1 colchão; Pobres socorridos durante o ano, 68; Confrades activos, 14; Sócios subscritores, 148.

A Câmara Municipal acaba de contemplar esta instituição com o donativo de 1.000\$00 e o conceituado industrial e nosso prezado amigo sr. Antóanio Pimenta ofereceu-lhe para os pobres 12 cobertores de algodão.

Lembramos a todos os vimaraneuses esta Conferência que tanto bem espalha, pois sabemos que ela luta com falta de meios para proteger os seus pobres.

GARRAFAS

muitas Garrafas

com rólha de parafuso e a preços verdadeiramente de combate

só na

CASA DO FERRO

Rua da República — Guimarães

DO CONCELHO

Vizela, 21.

No Campo da Vista Alegre, desta vila, realiza-se amanhã, domingo, um grande encontro de futebol entre o "Futebol Club do Porto", (categoria reserva) e o "Futebol Club de Vizela", — grupo de honra — cujo jogo está sendo aguardado com natural interesse e ansiedade, não só pela simpatia de que goza aqui o grupo visitante, como, também, pelo seu valor desportivo e competência técnica.

No passado domingo jogou aqui o "Futebol Club de Braga", que foi derrotado pelo "Futebol Club de Vizela", por 6-1.

É amanhã que no Cine-Parque se exhibe o importante filme "Lobos do Mar", de successo garantido.

N-este grandioso filme têm uma acção preponderante conhecidos actores de reputação mundial.

Na madrugada de quinta para sexta feira, pessoas mal intencionadas esfaquearam 5 pueas a um carro de um viajante, que estacionava ao pé do Restaurante Central, na Praça da República.

Procedimento infame e criminoso que deslustra a terra (sem que esta tenha culpa) e que, tanta vez, faz pagar o justo por causa do peccador!

O caso está affecto ás investigações da G. N. R. desta vila, onde foi apresentada a respectiva queixa, e oxalá que os autores da proeza sejam castigados, como merecem, para exemplo e para lição!

Malvadez!

— Amanhã, domingo, vai jogar, segundo nos consta, no campo das Vinhas, a Moreira, um grupo mixto do "Salgueiros", do Porto.

— O tempo, por aqui, continua de chuva, mas o frio já não se faz sentir.

— O cascalho que por aí estacionava ao longo dos passeios, começou já a desaparecer, ficando, assim, as ruas mais amplas e desimpedidas.

— Há tempos abriu mais uma loja de vinhos e de petiscos na Rua Abílio Torres, de que é proprietário o sr. João Macedo Teixeira.

— Ontem, 23 do corrente, passou o seu aniversário natalício o nosso bom amigo sr. Adelino Fontão, simpático

gerente do conhecido e antigo talho Pinto, desta vila.

Por tal motivo refreiu em sua casa alguns amigos, aos quais minoseou com um excelente "copo d'água".

Agradecemos o convite recebido. Abraçamos o bom amigo e desejamos-lhe uma longa vida ramalhettata de prosperidades. — C.

S. Torcato, 22.

Como nos anos anteriores, realiza-se aqui, na próxima terça-feira, dia 27, uma grande Feira Franca de gado bovino e no majestoso Mosteiro solenidades religiosas pela comemoração do Martirio de S. Torcato, abrilhantadas por uma banda de música. Além de vários prémios que a Comissão Organizadora distribuirá naquele dia, serão ainda oferecidos os seguintes: — Ao expositor da melhor junta de bois gordos, 100\$00; ao da melhor junta de bois de trabalho, 80\$00 e ao da melhor junta de touros, com desfecho, 50\$00. Todos os concorrentes aos prémios terão que dar entrada no local da feira até às 12 horas e fazer a respectiva inscrição até às 13 horas na Pensão Central, de Manuel da Silva Leite.

Haverá no dia da feira carreiras de camionetes a preços reduzidos.

No domingo passado deram-se por aqui algumas desordens em que alguns valentões fizeram uso de armas prohibidas. Seria bom que a G. N. R. ou P. S. P. fizesse por aqui frequentes rusgas e temos a certeza de que hão-de ser felizes.

— Tem passado incomodada a sr.ª D. Guilhermina Ribeiro de Faria e Silva, da Casa do Assento. Que esta bondosa senhora melhore depressa, são os nossos desejos.

— Com as chuvas torrenciais que ultimamente tem caído, encontra-se em péssimo estado o caminho de acesso à igreja matriz. Por ser o caminho mais movimentado da freguesia, ao sr. Presidente da Junta pedimos providências. — C.

— Tem passado incomodada a sr.ª D. Guilhermina Ribeiro de Faria e Silva, da Casa do Assento. Que esta bondosa senhora melhore depressa, são os nossos desejos.

— Com as chuvas torrenciais que ultimamente tem caído, encontra-se em péssimo estado o caminho de acesso à igreja matriz. Por ser o caminho mais movimentado da freguesia, ao sr. Presidente da Junta pedimos providências. — C.

Vida Associativa

Associação Fúnebra F. O. Vimaraneuse

Reünio no passado dia 21 a Direcção desta colectividade, pelas 20,30 horas, sob a presidência do seu presidente, secreta iado pelo seu secretário, com a presença do tesoureiro, directores e membros do Conselho Fiscal. Pelo cartório foi lida a acta da sessão anterior, que foi aprovada e assinada. Presentes os requerimentos de Tutelagem n.º 193 e 194, os quais ficaram pendentes para averiguações, conforme o determinado no Regulamento Interno. Foi igualmente presente uma carta da Companhia de Seguros «O Trabalho», dando uma informação pedida, e dois officios dos ex.ºs Clínicos desta Associação, os quais foram devidamente apreciados. Pelo secretário foram presentes os impressos e circulares destinados à propagação desta colectividade nas freguesias mais populosas, por intermédio dos rev. Párcos, e recomendada pelo sr. Arcipreste.

Por conveniência continua em estudo a transformação do Fundo Social, nos diversos Fundos determinados nas alíneas a) e b) dos art.ºs 23.º e 24.º do Decreto 19281.

Não havendo mais nada a tratar, pelo sr. presidente foi encerrada a sessão pelas 22,30 horas.

FOURGONETTE "MINERVA,"

VENDE-SE, em bom estado de conservação, por ser insufficiente para as exigências do serviço actual da firma:

KAVIERES, L.D.A.

Vêr e tratar na Rua Trindade Coelho, 59 — Guimarães.

Anuncial no

«Noticias de Guimarães» e fareis uma boa propaganda.

Dos Livros.
Dos Jornais

O Heroísmo da França

por Paul Reynaud

A Editorial «Inquérito», cuja intensa actividade e magnifica orientação, merece os mais calorosos elogios, acaba de editar em volume os discursos do Sr. Paul Reynaud, Ministro das Finanças da França.

Discursos dirigidos ao povo francês e ao mundo inteiro, elles são um bellissimo testemunho do magnifico esforço que a França tem desenvolvido e da gigantesca obra reformadora do eminente estadista.

Paul Reynaud, nascido em Barcelonnette, nos Alpes, tem a rija tempera dos homens das montanhas: a tenacidade para vencer dificuldades, a coragem para afrontar os perigos, a audácia para rasgar novos trilhos. Das altitudes em que nasceu, ficou-lhe o hábito de encarar os problemas de cima, o amor dos largos horizontes, das vastas perspectivas, o geito das escaladas triunfantes. A sua vida politica tem sido uma rápida ascensão. E' um dos estadistas mais novos do mundo e um dos mais clarividentes. Foi êle quem melhor fez compreender em França que o perigo da guerra era eminente e inadiável. Essa memorável campanha patriótica levou-o a escrever um livro cuja tradução portuguesa já foi publicada pela Editorial «Inquérito» com o titulo: «A França e o perigo da Guerra» — e que constituiu um notável êxito, pela lucidez com que analisava o problema militar da França.

Mas, apesar do excepcional papel que desempenhou como Ministro da Guerra e Ministro das Colónias, foi a sua obra financeira que mais o impôs à estima dos franceses e à admiração de todo o mundo. Efectivamente, Paul Reynaud realizou em pouco tempo uma obra de ressurgimento económico e financeiro que parece milagrosa, graças à sua lucidíssima compreensão das necessidades da França e dos meios mais eficazes de as satisfazer. E não só a situação financeira em que a França se encontrava era desoladora, como também as condições em que tal ressurgimento se operou, o tornavam difficil.

Tudo isto se documenta nesta obra admirável. «O Heroísmo de França», com um prefácio que o autor escreveu propositadamente para a edição portuguesa, é uma obra que se lê com profundo agrado, pela clareza, pela elegância e vivacidade do estilo, constituindo um notável documento para a história contemporânea. A apresentação gráfica é excelente.

«O Vilarealense»

Este nosso prezado colega que em Vila Real se publica desde 1880 e de que é intelligente director o nosso illustre camarada sr. Heitor Correia de Matos, entrou há dias no seu 60.º ano de existência e publicou, por tal motivo, um número especial com variada colaboração.

Desejamo-lhe muitas prosperidades.

«Revista dos Centenários»

Recebemos o n.º 13 desta magnifica revista que há dois anos se está a publicar em Lisboa e cujo sumário é o seguinte:

Portugal é uma Nação — Dr. A. Marques Guedes;
Algunas cartas de D. João IV — Dr. Eduardo Brazão;
Congresso Nacional de Ciência da População;
O pavilhão do Brazil na Exposição do Mundo Português;
Armas Brazileiras em Gôa — Dr. A. Pádua de Araújo;
Castelos de Portugal — Bragança e Póvoa de Lanhoso — Cap. Jorge Larcher;
Revista da Imprensa;
Notas várias.

Agradecemos a remessa de mais este exemplar.

Vida Católica

Beato João de Brito — Na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, realizou-se, conforme noticiamos, a festividade em honra do Beato João de Brito, que atingiu um brilho invulgar.

No sábado, pelas 22 horas, realizou-se naquela igreja uma adoração solene ao Santissimo Sacramento, estando a ampla igreja repleta de fiéis.

Presidiu a esta solenidade o rev. Arcipreste Monsenhor João Ribeiro, subindo ao púlpito o rev. Padre Tobias, do Seminário da Costa.

No domingo, às 8 horas, houve missa cantada e comunhão geral, estando no côro a Schola Cantorum do Seminário da Costa, subindo ao púlpito o rev. Padre Tobias, S. J., que depois de descrever largamente o martirio porque passou o Beato João de Brito pediu aos fiéis que durante a comunhão implorassem ao Senhor a canonização do piedoso missionário da India.

A igreja estava repleta de fiéis, vindo-se Associações Católicas, Colégios, Escuteiros, etc.

De tarde, pelas 17 horas, houve

O NOTÍCIAS

DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno (todos), Ligorne, Povo, Roquete, (sin. e ling.) e Sinónimos de Bandeira.

Campionato Charadístico
Resultados do n.º 4 — 6.ª Série

Soluções

406) CALO; 407) organista; 408) infesto/a; 409) urânio/o; 410) mascabo/a; 411) casca/o; 412) vinórica; 413) EQUIVOCADO; 414) PROVADO; 415) nervoso; 416) BEM-FAZER; 417) sosinho; 418) contraste; 419) cacoso; 420) tautito.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA: — difficil (agro) de pernas ao ar = orga; estré-la (sina) depois; troque o que juntou (sua) = auis, sem a = nis; até (ta) final, dá orga x uis x ta.

Quadro de distincção

N.º 406, 416, 418 e 414.

RELATÓRIO

Prezado Director e Confrade: Aceitando a incumbência, dou a minha opinião, do n.º 4, aos trabalhos seguintes:

Em verso: 406;

Em prosa: 416, 418 e 414.

O n.º 410 seria classificado, se não se tratasse de um género de produções que, para mim, não têm valor charadístico.

Cumprimentos do confrade

Siuino.

Quadro de Honra

(Pontos a decifrar: 15)

Agnus Matutus, Alguém, Alvarinho, Biscaro, Castela, Copofónico, Dado, Diadema, Don Zé Franuli, Dropê, E'dippo, Emecêpê, Erbelo, Etuop, Fidélío, Fosquilha, Hanbal, Já Mexe, Jornubasil, Josicar, Lérias, Miss Sporting, Mora-Rei, Morenita, Oraval, Oteblo, Pacatão, P. de lukiu Psale, Quico, Reibobi, Rei Téxai, Rei Viola, Romen, Rotie, Sabrigaita, Siulno, Tinobe, Valis, Conde, X-8 e X-9

Totalistas.

Quadro de Mérito

A. L. C. 14; Labita e Vareira, 13; Délia e Doravias, 12; Olegna e Quim Mosquito, 10.

DIPLOMATAS

O inventor da «peça», n.º 2, «matou», num instante, e foi o primeiro a entregar as soluções. O autor do n.º 388, colleccionou com custo.

— O aditamento do n.º passado, refere-se ao n.º 1, e não ao n.º 3.

Charadismo

N.º 8 2.º Ano 6.ª Série

Mefistofélicas

466) A «queima, do pedreiro livre, era, antigamente, uma grande queima. — (2-2) 3

467) Quem pratica um crime, é feiz? Triste sorte... — (2-2) 3

«METROPOLE»,
COMPANHIA DE SEGUROS
S. A. R. L.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Telefone 22594 Telegramas «Metrópole»

Sede — Rua Aurea, 149 — LISBOA

Administrador Delegado — A. DE MELO SOUSA

Agente Geral no Fevidém — MANUEL DE CASTRO.

recitação do Têrço, Sermão e Benção do Santissimo Sacramento, cantando-se o Hino de Beato João de Brito, enquanto se dava a beijar aos fiéis a reliquia do Bem-aventurado.

Foi orador o rev. dr. Moreira Neto, S. J., que descreveu com intelligência a vida de João de Brito, sendo escutado pela assistência no meio do maior silêncio.

As cerimónias foram presididas pelo rev. Arcipreste Monsenhor João Ribeiro e abrilhantadas pela Schola Cantorum do Seminário da Costa.

Mês de S. José — Na capelinha de N. S. da Guia começam no dia 1 de Março, os exercicios do Mês de S. José, os quais tem lugar, a semana, às 8,30 horas, e, ao domingo, às 9, sendo precedidos de missa.

Mater Dolorosa — A Mesa da V. O. T. de S. Francisco continua a trabalhar no sentido de imprimir à festa das Dóres, a realizar no dia 15 de Março, na sua igreja, a maior imponência, tendo convidado o Or-

468) Portuguezes! Sêde úteis, empregando o vosso vigor no trabalho. — (2-2) 3

Sincopadas

(Maçando a MORENITA)

469) Impetuosidade do amor: coração em brasa. — 3-2

470) Com fósforos de pau, o lume torna melódico. — 3-2

471) Todo o homem deve ser ágil e alegre. — 3-2

472) Preparar de antemão ou antepor... — 3-2

473) Ao musculoso e forte extorquido com astúcia. — 3-2

474) O pobre é em vão que chora a sua miséria! — 3-2

475) Se como paladino a não enfiado... — 3-2

476) Dá ao desprezo a intriga. — 3-2

477) Nimiamente apurada, a mulher dá passos curtos. — 3-2

478) O cadeado desta charada é de boa qualidade. — 3-2

Charada

(Ao grande amigo ALVARINHO)

No desejo de achar a flicidade parti um dia pelo mundo fora. Levava em mim a louca ansiedade de viver de ventura uma só hora. — 2

E fui p'lo mundo além, nessa vontade que as almas cega, prende e enamora, tentando transformar em realidade «a», illusão que em todo o peito mora. — 1

Caminhei, caminhei, nessa jornada, em busca da Ventura desejada, que embalava meu pobre coração.

Louca vaidade a minha. Andei, andei, mais afual, mais triste regresssei vergado à cruz de mais uma illusão.

480) Enigma

(Ao autor da «má pessoa», agradecendo)

Não vira o fundamental Vê logo que vai errar Visto que é essencial O todo ao meio cortar.

Incise, então, a direito Mas com devido jeitinho Julgo que tem no seu peito Bom coração e carinho?

Feche, pronto... Não é loa A vista o enredó está Como não foi má pessoa Não serei pessoa má.

As listas do presente número devem estar em nosso poder até ao dia 17 de Março.

Taça «Beneficência»

Transporte 101\$90
Olegna 100
Quim Mosquito 100
A. L. C. 104
Pacatão 105 a 109 500
Délia 110 100
Transporta 110\$90

Pedimos a quem ainda queira concorrer ou enviar mais donativos, o favor de o fazer até ao próximo dia 8 de Março, pois faremos o sorteio no dia 10.

Lusbel.

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães.

LOJA GRANDE

Para armazém, aluga-se na Rua de Cambões, n.º 105 a 107.

Nesta Redacção se informa. 60

O MELHOR CAFÉ É O DA BRASILEIRA

Armação envidraçada,

uma taboleta, espelho de cristal e várias portas, vendem-se na